

e Rel, 19-2-83.
BOA Codex

DIARIO DE LISBOA Lisboa	-2. ABR 1983
BADALADAS Torres Vedras	22/8
Noticias de Paços Brandão Paços de Brandão	
Compadre Alentejano	

crítica de teatro

CARLOS PORTO

385

Fernando Pessoa (talvez) (1)

"FERNANDO (TALVEZ) PES-
SOA", de Jaime Salazar Sampaio. Encenação: Artur Ramos. Cenografia e figuras: Emília Nadal. Música: António Vitorino de Almeida. Coreografia: Fernando Lima. Assessor literário: Jaime Salazar Sampaio. Assistentes de encenação: Mário Pereira e Helena Ramos. Interpretação: Mário Pereira, António Rama, São José Lapa, Luís Pinhão, Germano Martinho, António Banna, Carlos Fonseca, Varela Silva, Rogério Paulo, Curado Ribeiro, Carlos Cabral, António Anjos, Igor Sampaio, Ruy de Matos, António Sarmento. Teatro Nacional D. Maria II. Estreia: 25-3-1983.

turgos. Por enquanto seria injusto fazê-lo: condicionados pela censura fascista, primeiras vítimas de outros condicionantes (económicos), sofrendo na carne e no espírito o embate da transmutação que o teatro sofreu ao longo do século e que fez do autor do texto o malquerido do complexo teatral, obrigando-o a ceder o seu lugar, que reivindicava como sendo o primeiro, a um outro e inevitável poder, o do encenador, obrigando-o a reparar que há ainda outro poder que exige respeito, o do actor, o dramaturgo português (e de outras bandas) viu a sua obra vítima da mais brutal, embora muitas vezes merecida, manobra de ocultação.

Saudemos, nisso, este espectáculo, mas só nisso. Infelizmente, só nisso. Porque se ainda é cedo para pedir contas, se não estivermos atentos como vai ser no futuro? E as contas deste espectáculo são bastante pesadas.

Que Jaime Salazar Sampaio se tenha interessado (e de que maneira!) por Fernando Pessoa não deve surpreender ninguém. Além desta peça, a antologia em três volumes que organizou, com Isabel Pascoal, é modelar no género. Como diz, com rectidão, o prof. Henrique de Barros «... Sei que não foi a moda, o desejo de participar no coro, que o impulsionou a aplicar a sua original e penetrante capacidade desven-

dadora e criadora, ao estudo da figura humana do grande poeta e da sua obra multiforme...».

Não irei ao ponto de afirmar que o dramaturgo poderá ser visto como um outro heterónimo de Pessoa mas não há dúvida de que o «drama em gente» pessoano atravessa, ainda que obliquamente, a obra de J.S.S. Escreveu Luiz Francisco Rebello: «Para quem tenha seguido a obra teatral do autor de 'A Batalha Naval', era previsível este encontro com o poeta de 'Autopsicografia'».

Esta relação entre o autor da peça e esse que foi um dos grandes poetas europeus deste século (1), devia tornar aquele mais exigente consigo mesmo, e reclama do espectador que o seja. A primeira dúvida que se levanta é esta: que se pretende com esta peça? Há um grupo independente, com as dificuldades com que um grupo independente, sobretudo em formação, vive (subsídios, etc.); o grupo independente quer fazer um espectáculo sobre Fernando Pessoa. Há discussões, propostas, ensaios de cenas, que pirandellianamente formam o texto e o espectáculo. Tudo razoavelmente óbvio.

Um grupo independente que recruta actores e técnicos através de anúncios publicados na imprensa, como uma companhia de teatro comercial, esse não deixa de ser um paradoxo que

se inscreve no interior do texto. O outro, talvez mais grave, tem a ver com a produção do espectáculo e desse o autor só é responsável na medida em que o aceitou. É que o texto que levanta o conflito vivido por um grupo independente é posto em cena pela companhia do Teatro Nacional cujos problemas são outros. Quer dizer: as personagens e os conflitos surgidos passam a ser vistos por outro prisma. Não estamos a ver actores de um grupo sobre os quais pesam determinadas e específicas cargas interpretando personagens que lhes estão próximas, mas actores de uma companhia que funcionam noutros parâmetros. O conflito, que já era bastante débil e acabava por ser o pretexto para enquadrar a obra e a personalidade pessoais, surge ainda mais debilitado, inverosímil, para não dizer inexistente. Teria sido possível dar a isto uma volta que não foi dada. Para isso, autor, encenador, actores, teriam que criar um conflito entre segmentos do elenco (por exemplo, um grupo de jovens actores que pretendiam impor a um grupo de actores mais velhos um espectáculo sobre Fernando Pessoa), de maneira a tornar mais forte a problemática suscitada a uma primeira leitura.

(1) Opinião que não é propriamente original.

(Conclui na 2.ª feira)

-5 VBS 1883

"RECORTE"

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

DIARIO DE LISBOA	Lisboa	-6. ABR 1983
BADALADAS	Torres Vedras	

TEATRO NACIONAL D.ª MARIA II

Publicação Diário

DE LISBOA

Data 6/ 4/ 83 Pág. _____

crítica de teatro

CARLOS PORTO

345 Fernando Pessoa (talvez) (2)

Aqui publicamos a segunda parte do texto do nosso colaborador Carlos Porto sobre «Fernando (Talvez) Pessoa», encenado por Artur Ramos no Teatro Nacional de D. Maria II. A primeira parte deste artigo foi publicada na nossa edição de sábado passado, e motivos técnicos levaram-nos a adiar, até hoje, a sua conclusão. Do facto, pedimos desculpa a Carlos Porto e aos nossos leitores.

Delapidado, portanto este primeiro recurso, aliás pobre, convém repeti-lo, do conflito do teatro no teatro, mitigado quase até ao total apagamento, o problema do relacionamento a três que o triângulo das personagens que representam o grupo, sugere, fica então a proposta do autor em dar a conhecer, ou a reconhecer, a obra de Pessoa. Para isso, Jaime Salazar Sampaio serviu-se de vários elementos com os quais procurou exprimir o universo multimodal do poeta, utilizando uma colagem de poemas ou de excertos de poemas e de textos de prosa. Desde poemas ultraconhecidos como «Liberdade» ou «O menino da sua mãe» até textos mais secretos, passam bastantes textos de Pessoa pelo espectáculo mas chega-se ao fim sem que se experimente a sensação da grandeza, da genialidade do poeta, apesar dos relâmpagos que por vezes o iluminam.

Para a interpretação dos versos de Pessoa, Salazar Sampaio utilizou vários processos, desde a passagem dos elementos do «grupo independente» ao poeta e às suas personagens até ao surgimento de outros actores que representam os vários heterónimos, além de uma pequena multidão de figurantes que encenam, no palco, os versos «Somos todos palhaços estrangeiros / A nossa vida é palco e confusão». Também eles servem de

veículo à poesia ao mesmo tempo que intervêm no jogo teatral proposto.

Há um momento no espectáculo em que se tem a sensação de que autor e encenador conseguem agarrar uma curiosa teatralização de Pessoa; adém essa sensação da presença dos heterónimos que surgem como possíveis personagens à procura de um autor. Mas esse momento esvai-se porque o dramaturgo e o encenador não o seguraram e desenvolveram, porque Pirandello já disse tudo o que havia a dizer. E o texto autolimita-se a esse jogo teatralmente insignificante de dar a conhecer a poesia pessoana, com a agravante de nem mesmo esse propósito ser suficientemente convincente.

Falta, neste texto e neste espectáculo, um imaginário capaz de minimamente corresponder ao imaginário pessoano. Falta o teatralmente revolucionário que poeticamente Pessoa foi. Aventura arriscada? Claro. Aventura impossível? Nem tanto. Lembremo-nos de que um grupo universitário ergueu um espectáculo fulgurante de beleza e de imaginação, que ainda hoje me comove só de pensar nele, (refiro-me ao «Drama em Gente», do Íbis).

Já se entendeu que a encenação de Artur Ramos (2), atenta e respeitadora, não foi capaz de fazer a passagem para o outro lado. Acontece, ali, em certas cenas, o trabalho do encenador

agrar as insuficiências do texto. É o caso da passagem com as quadras populares. Lidas, algumas delas têm alguma graça, mas no espectáculo surgem empoladas, com uma presença excessivamente forte, o que é mau para o poeta e para os sinais do espectáculo.

O mesmo poderia dizer do cenário de Emília Nadal, um amontoado pouco significativo de sinais que podem ter a ver com a poesia de Pessoa para quem conheça essa poesia, o que contraria uma das vocações essenciais do espectáculo que consiste em dar a conhecer essa poesia. Além disso, a ênfase dada a alguns desses sinais (como o do mar) parece-me desvirtuar o sentido da peça e da obra de Pessoa. O que se pediria a um cenário para uma peça sobre Pessoa seria que nos desse não os seus estereótipos mas o seu teatro interior. Também nem sempre os figurinos jogam com coerência, em especial no caso de Alberto Caeiro que parece ter uma carga irónica que os outros não sugerem.

E há os intérpretes. Que poderiam eles fazer? Provavelmente pouco mais do que fazem. Dizer melhor poemas e fragmentos? Interiorizar mais profundamente o «drama em gente»? Compor melhor (de outra maneira?) as personagens? No entanto, Mário Pereira consegue aguentar uma personagem tão frágil como a de Jorge (o encenador), embora ainda a voz acuse vícios antigos; António Rama passa facilmente de Pedro a Pessoa-ele mesmo, e este surge com alguma verosimilhança. Varela Silva (Alberto Caeiro), Rogério Paulo (Álvaro de Campos), Curado Ribeiro (Ricardo Reis) poderiam ser os heterónimos de Pessoa? Não deveria haver uma certa unidade entre este e aqueles? Não digo unidade física mas ontológica. Só

Carlos Cabral, em Bernardo Soares, na diversidade escolhida, consegue uma composição certa, realizando o seu melhor trabalho desde há muitos anos; e com ele, António Anjos, uma passagem magistral pelo palco numa personagem sarcástica criada por Salazar Sampaio (será a caricatura correcta?). Igor Sampaio levanta o espectáculo graças a um texto fantástico de Almada. O mesmo não direi de Ruy de Matos, Mário de Sá-Carneiro insuficiente.

Guardo, ciosamente, comovidamente, para o fim, São José Lapa que ergue num palco, para o qual o espectador permanece quase indiferente, a luz verdadeira do Teatro e da Poesia. É ela, por vezes com António Rama, que ajuda a que o espectáculo não se afunde. O seu menino é uma autêntica criação. Apetece-me dizer, e digo, que só para a ver representar vale a pena ir ao «D. Maria II». E ela que faz do impossível, possível; do pouco, vida plena; do rasteirinho, altura e asa; da banalidade, poesia.

É ela, afinal, o imaginário de Pessoa. Que vingança, esta!

A música de António Vitorino de Almeida é também um elemento positivo do espectáculo através da maneira gozada como intervém. É um dos elementos lúcidos de uma função pouco entusiasmante.

(2) Repare-se que não só os autores são vítimas de manobras de ocultação das suas obras. Também os encenadores podem ser desposuídos dos meios de produção que lhes permitam desenvolver, enriquecer as suas potencialidades criativas. Encenador, realizador de cinema e de televisão, Artur Ramos é um caso paradigmático de criador impedido de criar, com todos os traumas que tal implica. Também ele não tem podido experimentar essas potencialidades, como seria de desejar. E isto por razões políticas.